

“ELES SABIAM DE TUDO”: O ENUNCIADO VERBOVISUAL EM MEMES DA CAPA DA REVISTA VEJA SOBRE AS ELEIÇÕES 2014⁷⁸

“ELES SABIAM DE TUDO” (“THEY KNEW ABOUT EVERYTHING”): THE VERBVISUAL ENUNCIATION IN MEMES OF VEJA MAGAZINE ABOUT THE 2014 ELECTIONS

Gabriella Cristina Vaz Camargo⁷⁹

RESUMO: Às vésperas das eleições presidenciais de segundo turno, realizadas em outubro de 2014, a revista Veja antecipou a publicação de sua capa semanal intitulada “Eles sabiam de tudo”, referindo-se a Lula e Dilma Rousseff, Dilma então, candidata à presidência. A capa seria uma denúncia ao esquema de corrupção que aconteceu dentro da Petrobrás, o qual foi denominado de “Petrolão”, pela revista. Diante dessa polêmica, principalmente nas redes sociais, essa capa repercutiu em diversos gêneros discursivos, como os mais de trinta *memes* produzidos pelos internautas que procuraram responder à atitude da revista, criticando-a. Diante disso, o objetivo deste trabalho foi coletar e analisar dois *memes* a partir da perspectiva do Círculo de Bakhtin, bem como a capa original, de modo a compreender o diálogo estabelecido entre as materialidades, com base nas noções teóricas de enunciado verbovisual e signo ideológico. O método adotado foi o dialético-dialógico, proposto pelo Círculo que nos permite pensar a vida através da linguagem, via signo ideológico, assim como a relação dialógica entre enunciados. Com os resultados obtidos como, por exemplo, compreender que os *memes* surgem em necessidade de resposta a esfera a qual pertencem, podemos afirmar que a língua(gem) possui caráter social, responsivo, além de se constituir de maneira dialógica.

PALAVRAS-CHAVE: Diálogo. Enunciado verbovisual. Signo ideológico. Revista Veja. *Memes*.

ABSTRACT: Shortly before the presidential runoff election took place in October of 2014, Veja magazine advanced the releasing of their weekly issue cover, which read “*Eles sabiam de tudo*”, referring to Lula and Dilma Rousseff, one of the then presidential candidates. The cover was a denunciation of a corruption scheme set up in Petrobrás, which was named “*Petrolão*” (Big Oil) by the magazine. Due to the impact it had, especially in social networks, this cover had repercussions in several discursive genres, such as over thirty *memes* created by Internet users, who wanted to respond to the magazine's attitude, by criticizing it. Therefore, the aim of this work was to collect and analyze from the Bakhtin Circle perspective two *memes* and the original cover, in order to understand the dialogue established between the materialities, based on the theoretical notions of verbovisual enunciation and ideological sign. The adopted method was the dialectical-dialogical one proposed by the Circle, which allows us to reflect on life through language, by way of ideological sign, as well as by the dialogical relationship between enunciations. The results obtained – for example, understanding that memes come up as a need to respond to the sphere that they belong to allow us to claim that language has a social responsive character, besides constituting itself in a dialogical way.

KEYWORDS: Dialogue. Verbovisual enunciation. Ideological sign. *Veja* magazine. *Memes*.

1 Introdução

Publicada pela editora Abril, a revista *Veja* causou polêmica, às vésperas das eleições presidenciais de 2014, ao publicar, antecipadamente, a capa intitulada “Eles sabiam de tudo”, referindo-se a Dilma Rousseff e Lula. A capa, de acordo com a *Veja*, seria uma denúncia ao “Petrolão”, esquema de corrupção que ocorreu na maior empresa estatal do país, a Petrobrás.

Diante da repercussão negativa, em especial nas redes sociais⁸⁰, a capa divulgada possibilitou a construção de diversos gêneros discursivos como, por exemplo, comentários,

⁷⁸ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras Português e Inglês da Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, sob a orientação da Profa. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza.

⁷⁹ Mestranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão. Endereço eletrônico: gabriellavazcamargo@gmail.com

notícias, *posts* e também *memes*⁸¹, produzidos por internautas que, petistas ou não, procuraram responder a atitude da revista, além de colocarem em evidência suas filiações políticas e ideológicas.

Segundo a matéria do blog *Literatortura*⁸² “As 30 montagens mais engraçadas da ‘tenebrosa’ capa da Veja” foram publicados e compartilhados mais de trinta *memes* em diversas redes sociais, como por exemplo, o Facebook. E a partir dessa matéria publicada no dia 24 de outubro de 2014, selecionamos dois *memes* para a constituição do *corpus* da pesquisa: “Bomba! PT financiou maçã envenenada de Branca de Neve” e “Titanic era comandado por tataravô de Lula. Dilma sabia de tudo”.

O tema da pesquisa aqui proposta são os *memes* da capa da revista Veja – Eles sabiam de tudo – enquanto enunciados verbovisuais construídos sobre a temática das eleições presidenciais de 2014. Para a realização das análises, consideramos que a principal contribuição do Círculo de Bakhtin é pensar a dialogicidade da língua, assim, primeiro, analisaremos a capa original publicada pela revista Veja, considerando a noção de dialogismo desenvolvida também pelo Círculo, depois partiremos para a análise dos *memes* à luz das noções de signo ideológico e enunciado.

O método de pesquisa adotado trata-se do dialético-dialógico da (e sobre) a linguagem, em que descrevemos, analisamos e interpretamos os enunciados verbovisuais coletados para o estudo. Este método de pesquisa apresenta-se diluído no conjunto da obra do Círculo de Bakhtin e nos ensina a pensar a vida através da linguagem, via signo ideológico, e em relação ao *corpus*. Nesse sentido, podemos afirmar que somos constituídos pelo objeto de pesquisa – o discurso midiático –, assim como também o constituímos quando com ele travamos uma relação dialógica e, portanto, de embate e conflitos.

É importante justificar que o interesse pelos *memes* surgiu em 2014, pois nos sentimos interpeladas pelos diversos *memes* que emergiam provocando discursos diversos em relação as eleições presidenciais de segundo turno, em que os veículos de massa associavam às imagens de Lula e Dilma (assim como o Partido dos Trabalhadores – PT) a responsabilidade por crimes e irregularidades políticas. Sendo assim, é a partir do *corpus* que se torna possível responder os questionamentos da presente pesquisa – pontuados ao longo do texto – uma vez que ele dialoga constantemente conosco, quando nos propomos a estudar, sobretudo, a linguagem e seu funcionamento a partir da concepção dialógica da linguagem.

Assim, a pesquisa é de cunho bibliográfico, uma vez que buscamos nas obras do Círculo de Bakhtin as pistas deixadas para pensarmos o enunciado verbovisual. Com isso, fundamentamos as análises dos *memes* baseadas nas noções de signo ideológico, que possui caráter social e histórico e de enunciado que, para Bakhtin (2010), nunca é novo ou inesperado, uma vez que a língua possui um caráter dialógico e responsivo e os enunciados só existem em resposta a outros. Logo, esperamos mostrar por meio da análise dos *memes* coletados a linguagem em seu funcionamento dialógico.

2 “Eles sabiam de tudo”: *diálogo* na capa da Revista Veja

A concepção de língua que o Círculo de Bakhtin propõe parte do princípio de que ela não é homogênea, ou seja, não se trata apenas de transmitir ou decodificar mensagens, mas sim de possibilitar através da língua/linguagem, a interação humana. Para que isso aconteça, é preciso que exista compreensão nas relações entre os homens, uma vez que a língua possui

⁸⁰ Para Lisboa (2015) as *redes sociais* tratam-se da interação e troca de experiências entre indivíduos, seja na família, na escola, no trabalho, na comunidade, etc. No caso de nossa pesquisa, essa interação ocorre por intermédio da internet.

⁸¹ Segundo Lisboa (2015), *memes* são tudo aquilo que se copia, propaga ou se espalha aleatoriamente.

⁸² Link para acesso à matéria publicada pelo blog *Literatortura*, disponível em: <http://literatortura.com/2014/10/mais-engracadas-montagens-da-tenebrosa-capa-da-veja/> Acesso em: 18 jan. 2017.

caráter social e responsivo. E é por conta disso que, para o Círculo, a língua se constitui através da interação verbal.

Para que ocorra interação existem os signos ideológicos e os enunciados, sendo que ambos possuem caráter social e histórico. Segundo Bakhtin (2010), os enunciados funcionam como unidades pertencentes à comunicação de maneira contextualizada e não são novos ou inesperados, pois a língua possui caráter tanto social e responsivo como também dialógico, dessa forma, eles existem em resposta a outros, se constituem a partir de outros, além de dialogarem entre si. Os signos ideológicos, por sua vez, são elementos/objetos/coisas do mundo que passam a ter outros significados além dos que já possuem materialmente, refletindo e refratando realidades. É diante dessa concepção de língua/linguagem que Bakhtin (2010) teoriza sobre o dialogismo, de caráter constitutivo, em que afirma ser o real funcionamento da linguagem, por e através de diálogos.

Praticamente todas as noções do Círculo de Bakhtin partem da problemática do diálogo, uma vez que não se trata de conversa ou discussão, mas sim de embate/enfrentamento/duelo entre enunciados ou entre sujeitos e enunciados, que se materializam através de signos ideológicos. A partir da noção de diálogo, temos a teoria do dialogismo que diz respeito, justamente, às relações que são estabelecidas entre esses enunciados, que se constituem e dialogam entre si, possibilitando uma pluralidade de sentidos na materialidade enunciativa.

E, para pensarmos esses sentidos, bem como esses enunciados e signos ideológicos, analisamos a capa original da revista *Veja* intitulada “Eles sabiam de tudo”⁸³ – que foi publicada antecipadamente pela editora Abril, em 23 de outubro de 2014, quinta-feira, vésperas das eleições presidenciais de segundo turno, que aconteceriam dia 26 de outubro, no domingo, entre Aécio Neves e Dilma Rousseff – assim como os *memes* dessa mesma capa que foram criados pelos internautas e compartilhados nas redes sociais. Abaixo, a capa original da revista *Veja*:



Figura 1 – Eles sabiam de tudo - Capa da edição 2397 de VEJA⁸⁴.

⁸³ Link para acesso ao site da revista *Veja* em que a capa foi publicada, disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/dilma-e-lula-sabiam-de-tudo-diz-alberto-youssef-a-pf/> Acesso em: 09 jan. 2017.

⁸⁴Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/dilma-e-lula-sabiam-de-tudo-diz-alberto-youssef-a-pf/> Acesso em: 09 jan. 2017.

Ao fundamentarmos o estudo também na concepção de gênero do discurso⁸⁵, conforme Bakhtin (1997), entendemos que a capa de revista pode ser pensada como um gênero secundário, com caráter complexo e que exige maior elaboração por parte do autor. A capa acima possui um cabeçalho, com a promessa de uma matéria com 20 páginas sobre a escassez da água, o nome da revista em branco, ao lado direito, a logomarca da editora Abril e ao lado esquerdo, o título “Eles sabiam de tudo”, seguido do enunciado verbal:

Petrolão – O doleiro Alberto Youssef, caixa do esquema de corrupção na Petrobras, revelou à Polícia Federal e ao Ministério Público, na terça-feira passada, que Lula e Dilma Rousseff tinham conhecimento das tenebrosas transações na estatal.

Apesar de não ter sido um estudioso dos enunciados verbovisuais o Círculo de Bakhtin nos deixa algumas pistas para pensarmos em enunciados não apenas verbais, mas que também são constituídos de imagens e que não podem ser analisados de maneira fragmentada porque formam um todo enunciativo em que o visual contribui para o sentido do verbal e vice-versa. Neste caso, temos um enunciado verbovisual que traz em sua arquitetura, além de textos, imagens que possuem a finalidade de contribuir para a formação dos sentidos.

Para entendermos a dialogicidade de um enunciado é preciso pensar que o falante dialoga não somente com o interlocutor, mas também com os enunciados já proferidos antes, ou seja, enunciados anteriores e também com os enunciados-respostas, aqueles que são presumidos e que o sucederão.

Diante disso, podemos afirmar que não somente com o enunciado verbal isso ocorre – a constituição de um enunciado a partir de outros – como também em enunciados visuais, obras pictóricas, por exemplo. Pois, seja em uma obra literária, uma canção, uma pintura, uma encenação teatral, ou até mesmo um texto acadêmico há de se encontrar muito de seu autor, porque ao enunciarmos nos denunciamos a ponto de expormos nossos posicionamentos ideológicos, bem como nossas sensações ao produzir a obra. Assim, afirma Grillo (2012, p. 238):

Bakhtin discorre, em diversas passagens, sobre o autor como equivalente a sujeito e falante/escrevente do enunciado, tomado como princípio representador que se constitui em uma relação triádica, pois dialoga, necessariamente, com os autores dos enunciados anteriores e com os autores dos enunciados-resposta presumidos. A ideia de autoria é analisada como constitutiva não apenas de obras verbais, mas também em obras de pintura [...].

A partir do enunciado capa da revista Veja apresentado podemos entender a quem se refere o “eles” presente no título. O enunciado é composto com as metades de dois rostos, do ex-presidente Lula e da então presidenta em exercício, afastada por ser candidata na disputa por sua reeleição em 2014, Dilma Rousseff, ambos integrantes do Partido dos Trabalhadores (PT). Considerando que a capa foi publicada antecipadamente – às vésperas das eleições presidenciais de segundo turno – e traz para debate o possível envolvimento dos dois no esquema de corrupção que ocorreu na Petrobrás é visível que a revista, intencionalmente, tenta manipular votos e prejudicar a campanha de Dilma.

Podemos observar que as metades dos rostos de Lula e Dilma contribuem para a formação de discursos que afirmam que por serem amigos e por pertencerem ao mesmo partido, um complementa o outro, ou seja, a metade do rosto de Dilma completa a metade do

⁸⁵ É importante esclarecer que este trabalho não tem como foco pensar e conceituar o *corpus* a partir da noção de gênero discursivo, porém não é possível seguir nas análises sem considerar os gêneros aos quais o *corpus* pertence, bem como suas esferas de comunicação.

rosto de Lula, como se fossem apenas uma pessoa e que o governo atribuído a Dilma também era governado por Lula. Podemos pensar, aqui, o conceito de alteridade, também desenvolvido pelo Círculo, em que temos a constituição do “outro” a partir do “eu”. Neste caso, a constituição do papel social Dilma – mulher, presidenta, integrante do PT, política, “marionete de Lula” – a partir da interação com o papel social Lula – ex-presidente, cúmplice nos esquemas de corrupção, político –, como se não fosse possível separá-los e distingui-los. Outro aspecto interessante é a cor escura adotada pela revista para compor o fundo da capa, tornando o enunciado verbovisual sombrio, bem como as expressões de preocupação nos rostos de Lula e Dilma, contribuindo para a formação de sentidos negativos a respeito de ambos, como se estivessem preocupados por serem descobertos.

E retomando ao diálogo, como dito acima, a teoria do dialogismo diz respeito às relações que são estabelecidas entre os enunciados, bem como entre sujeitos e enunciados em um determinado gênero de discurso. Nesse sentido, é importante destacar as relações dialógicas que constituem a capa da Veja em foco, como, por exemplo, o vermelho no título – Eles sabiam de tudo – como no subtítulo – Petrolão –, cor que remete ao PT. Assim como a nomeação que faz ao esquema de corrupção, quando o denomina de Petrolão, fazendo tanto referência à empresa Petrobrás, quanto ao Mensalão – esquema de corrupção que ocorreu durante a gestão do ex-presidente Lula – em mais uma tentativa de igualar os dois governos, no todo que constitui o enunciado verbovisual.

É importante esclarecer que compreendemos o *corpus* em estudo como enunciados verbovisuais e signos ideológicos, mas isso não significa dizer que ambas noções sejam sinônimas pois, os enunciados podem tanto serem proferidos verbalmente como também podem ser expressos através de gestos, olhares ou até mesmo através do silêncio. E, em relação aos signos, entendemos que são materialidades que pertencem ao mundo e que passam a exteriorizar significados, ou seja, precisam existir materialmente para refletir e refratar suas ideologias. Isso significa dizer que os enunciados podem ser constituídos tanto de outros enunciados como também de signos ideológicos e vice-versa.

2.1 Memes da capa da revista Veja “Eles sabiam de tudo” como *enunciados verbovisuais*

A partir do momento que a capa “Eles sabiam de tudo” foi publicada de maneira antecipada no site da Veja, muitos internautas – alguns inconformados e revoltados, mas também sarcásticos aproveitaram a oportunidade para criticarem a revista – consideraram a publicação uma manifestação com tom de desespero, uma vez que Dilma liderava nas pesquisas e nas intenções de votos. E, em resposta aos ataques da revista ao PT, os internautas, petistas ou não, criaram diversos *memes* que teve sua ascensão juntamente com a popularização das redes sociais.

Segundo Lisboa (2015, p. 38, grifos da autora),

O termo meme aparece pela primeira vez no livro *The selfish gene* (O gene egoísta) de Richard Dawkins, publicado em 1976, em que o autor faz uma analogia entre os termos gene e meme, uma vez que “gene” é a possibilidade biológica da disseminação de características genéticas de um ser para o outro, enquanto “meme” é a propagação de uma ideia dentro de uma cultura, a partir de replicadores. Esse termo, que tem origem grega – *mimeme* – e que significa imitação, nos permite afirmar que “meme” é tudo o que se copia, se compartilha e que se espalha rapidamente entre e por intermédio dos homens em uma comunidade.

Como explicado acima, o *meme* possui a característica de ser copiado e compartilhado de maneira rápida, no caso dos *memes* em análise, essa reprodução ocorreu por intermédio da internet. E, ainda, segundo Lisboa (2015, p. 33),

[...] a recorrência do termo meme tem se referido, conforme nossas observações, a textos, imagens, fotos, vídeos e até mesmo a frases que caem no uso popular e que são compartilhadas e “imitadas” inúmeras vezes por usuários das redes sociais. No entanto, não basta somente que uma foto ou vídeo sejam famosos e compartilhados inúmeras vezes, é preciso que esse meme que se espalha na rede traga consigo algum conceito, alguma ideia, ligada diretamente à sua constituição, especialmente para os usuários de internet e de redes sociais que estão acostumados com a linguagem utilizada virtualmente.

O *meme* compreendido aqui traz consigo ideias por meio do discurso, de um determinado grupo que expõe suas ideologias por meio do humor, do deboche e da ironia, mesclando linguagem verbal e visual, dando voz à relação de ficcionalidade que evidencia o (des)comprometimento do jornalismo realizado pela Veja. E, é importante destacar que, a arquitetônica deste *meme* segue os mesmos moldes do gênero discursivo capa de revista, como se fosse uma paródia pois, as características são exatamente as mesmas, o discurso é que difere como ato responsivo à capa original.

O primeiro *meme* que trazemos para análise possui o seguinte enunciado verbal: “Titanic era comandado por tataravô de Lula. Dilma sabia de tudo”, e pode ser conferido abaixo:



Figura 2 – Meme da capa da revista Veja – Titanic era comandado por tataravô de Lula. Dilma sabia de tudo⁸⁶.

A princípio, é possível perceber as relações dialógicas que são estabelecidas entre a capa original e o *meme*, uma vez que este enunciado verbovisual só existe porque antes

⁸⁶ Disponível em: <http://literatortura.com/2014/10/mais-engracadas-montagens-da-tenebrosa-capa-da-veja/> Acesso em: 10 jan. 2017.

existiu a capa original. Como sabemos, os enunciados se constituem na interação dos interlocutores e estão relacionados a alguma esfera da atividade humana, que é desenvolvida por um sujeito que possui um lugar na sociedade e também na história.

Segundo Bakhtin (1997, p. 313-314), “[...] a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro”. Com isso, é possível afirmar que, se um enunciado se constitui das relações entre os interlocutores, entre os homens, logo, ele não pode ser novo. Muito pelo contrário, ele nasce através dessas relações, e apesar de não ser um enunciado inédito sempre será proferido em situações e momentos diferentes, poderá exigir respostas e sentidos diferentes, além do interlocutor também poder ser diferente. Para Bakhtin (1997, p. 317, grifos nossos),

[...] em todo enunciado, contanto que o examinemos com apuro, levando em conta as condições concretas da comunicação verbal, descobriremos as palavras do outro ocultas ou semi-ocultas, e com graus diferentes de alteridade. [...] **O enunciado é um fenômeno complexo, polimorfo, desde que o analisemos não mais isoladamente, mas em sua relação com o autor (o locutor) e enquanto elo na cadeia da comunicação verbal, em sua relação com os outros enunciados** (uma relação que não se costuma procurar no plano verbal, estilístico composicional, mas no plano do objeto do sentido).

Essa relação entre os interlocutores, nem sempre, pode ser um diálogo face a face, ou uma carta endereçada explicitamente a alguém, essa relação está no fato de que quando nos expressamos nos direcionamos ao outro, e quando isso acontece podemos observar duas partes em que se divide o enunciado: a enunciação proferida pelo falante e a compreensão por parte do ouvinte, que sempre traz elementos de uma possível resposta. E, ainda segundo Bakhtin (1997, p. 320) “[...] o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica”.

Mesmo que essa resposta não seja dada em palavras, por força do hábito, acabamos sempre respondendo aos enunciados, seja com um gesto, um sorriso, um olhar sério etc. Dessa forma, compreendemos que, normalmente, todos os enunciados são respondidos dialogicamente, assim como afirma Volochínov (2013, p. 163, grifos do autor):

Habitualmente respondemos a qualquer enunciação de nosso interlocutor, se não com palavras, pelo menos com um gesto: um movimento de cabeça, um sorriso, uma pequena sacudidela da cabeça, etc. Pode-se dizer que qualquer comunicação verbal, qualquer interação verbal, se desenvolve sob a forma de *intercâmbio de enunciações*, ou seja, sob a forma do *diálogo*.

Nesse sentido, a língua/linguagem possui caráter responsivo, ou seja, nenhum enunciado permanece sem resposta. No caso dos enunciados em análise é preciso destacar que são compostos por elementos verbais e também visuais, não podendo ser analisados separadamente, pois não seriam provocados os mesmos sentidos se o enunciado verbal aparecesse isolado, ou se tivéssemos acesso apenas ao visual. Não seria possível compreender a ironia, o deboche ou até mesmo o humor, pois ambos (verbo e visual) tornam-se um todo enunciativo que compõe a arquitetura do discurso midiático, que dialoga com outros enunciados e também com outras respostas (que são presumidas).

O *meme* acima apresenta todos os elementos estilísticos do gênero discursivo capa de revista – nome da revista, título e subtítulo, cabeçalho, data de publicação e site da revista, código de barras e também a logomarca da editora, que na capa original trata-se da Editora Abril e na criação dos internautas, trata-se da Editora Zuera, mas que é representada por Editora Maio (trocadilho com os meses do ano) – mas, isso não o torna uma capa, pois além

do conteúdo temático não ser o mesmo das capas de revistas – com notícias e informações da esfera jornalística – a sua função discursiva também não, pois traz à tona o humor e a ironia banhados por posicionamentos ideológicos, presentes tanto na capa original quanto nos *memes*.

O enunciado visual deste *meme* é composto pela junção de imagens em que temos o Titanic à frente e ao fundo a presidenta Dilma, que no momento da enunciação estava afastada para concorrer a sua reeleição, em um tom de azul, que favorece a sensação de frieza de seu olhar a mesclar-se com o gelo que afundou o navio. O enunciado verbal presente na capa original “eles sabiam de tudo” é reproduzido nesse *meme* através do enunciado “Dilma sabia de tudo”, e com isso é preciso problematizá-lo em dois aspectos: primeiro o verbo “saber”, porque a revista denuncia o fato de que Dilma e Lula sabiam de tudo em relação ao esquema do Petrolão, e partindo dessa hipótese podemos pensar a (i)lógica do *meme* em análise: se sabiam realmente de tudo, sabiam também que o Titanic era comandado pelo tataravô de Lula – visto aqui com negatividade e como um vilão – e que Dilma, enquanto presidenta do país, em sua total responsabilidade de tomar decisões a favor de um bem comum, não fez nada para evitar que ele afundasse, demonstrando assim o seu total desprezo não somente pelo povo brasileiro, mas também pela população mundial, tornando-se responsável e merecedora de diversos enunciados presentes nas redes do tipo “é tudo culpa do PT”, bem como discursos de ódio direcionados ao Partido dos Trabalhadores.

O segundo aspecto a ser pensado trata-se do emprego da palavra “tudo” nesse enunciado verbal. Ao que estariam se referindo quando afirmam que Lula e Dilma sabiam de “tudo”? Como pode ser possível que saibamos de “tudo” o que acontece ao nosso redor, com as pessoas, nas empresas e no mundo? Se a realidade não chega até nós de maneira neutra e imparcial? Se ela sempre está banhada por ideologias? Evidencia-se, portanto, nesse enunciado também o exagero por parte da revista ao empregar a palavra “tudo” na capa original e de modo a debochar dessa atitude exagerada os internautas a reproduziram nos *memes*.

Assim, compreendemos que os elementos que compõem os enunciados verbovisuais neste caso, a capa e os *memes*, formam um todo arquitetônico composto não apenas por elementos temporais e espaciais, mas também pelos sentidos que provocam, que incitam. E que esses enunciados podem tanto ser construídos através de palavras e imagens, como também através de signos ideológicos.

2.2 Memes da capa da revista Veja “Eles sabiam de tudo” como *signos ideológicos*

Os enunciados, assim como os signos ideológicos, existem para que seja possível a interação humana, com isso, podemos afirmar que eles são ideológicos porque ocorrem dentro de uma das esferas da atividade humana e também porque expressam uma posição avaliativa, além de se constituírem de outros enunciados e também signos. Com isso, tudo aquilo que é dito ideológico possui também um significado e, assim, é um signo.

Para o Círculo, os signos possuem caráter social e não podem ser pensados de maneira isolada, sem os considerarmos em seu ambiente social, uma vez que também são ideológicos, com isso, compreendemos que são frutos de uma coletividade. A própria realidade a qual vivemos sempre está banhada por ideologias, o que não lhe permite chegar até nós de maneira neutra e de acordo com Faraco (2009, p. 49), “[...] o mundo só adquire sentido para nós, seres humanos, sendo semiotizado”. Ou seja, o homem não tem acesso de maneira direta à realidade, somente através da linguagem, com seus enunciados tanto verbais como também verbovisuais, sendo o mundo, portanto,

compreendido por meio dos signos ideológicos, que não apenas refletem realidades, como também as refratam, ou seja, as transformam em outras.

O signo também possui dupla materialidade, uma concreta e outra abstrata pois, além de existir materialmente, também existe socio-historicamente. O signo é vivo e dinâmico, mutável, porque passa por um processo histórico e, além disso, expressa uma posição dialógica e ideológica na sociedade.

Os signos também são objetos naturais, específicos, e [...], todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico* (BAKHTIN, 2010, p. 32-33, grifos do autor).

Compreendemos, assim, que um signo só pode ser entendido como tal se refletir e refratar uma realidade, ele pode apontar para uma realidade externa, material, e fazer isso de maneira refratada, ou seja, não apenas descrever o mundo, mas também contribuir com diversas interpretações dele. A refração exerce o papel de manter as diversas maneiras e contradições das experiências históricas pelas quais passam a humanidade e por conta disso não é, segundo Faraco (2009, p. 51) monossêmica, mas sim multissêmica, ou seja, possui vários sentidos. É justamente desses vários sentidos que atribuímos ao mundo as diferentes interpretações, diferentes verdades, vários discursos entre outros que nos fazem compreender melhor o mundo, assim como afirma Faraco (2013, p. 175):

Essa plurivalência social dos signos é o que os torna vivos e móveis. É ela que dá dinamicidade ao universo das significações, na medida em que as muitas verdades sociais se encontram e se confrontam no mesmo material semiótico e no mesmo signo. O material semiótico pode ser o mesmo, mas sua significação no ato social concreto de enunciação, dependendo da voz social em que está ancorado, será diferente. Isso faz da semiose humana uma realidade aberta e infinita.

Com isso, entendemos que da mesma maneira que os enunciados não são novos, os signos podem até se repetirem, mas seu significado será diferente, a partir de sua voz social. É justamente essa diferença nos sentidos, ou seja, a sua plurivalência, que os fazem serem móveis e mutáveis, mesmo que as muitas verdades venham a se chocar no mesmo signo é possível identificar suas múltiplas significações.

Assim, todo signo é ideológico porque transmite uma ideia de mundo e também porque se realiza em uma das esferas de atividade humana, seja ela religiosa, artística, científica, política etc. E, a partir dessas considerações é que analisamos o segundo *meme* coletado “Bomba! PT financiou maçã envenenada de Branca de Neve”:



Figura 3 – Meme da capa da revista Veja – Bomba! PT financiou maçã envenenada de Branca de Neve⁸⁷.

Podemos considerar tanto a capa da revista quanto os *memes* em estudo o que Bakhtin (2010, p. 31) denominou de produto ideológico, pois

[...] faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*. Um corpo físico[...] não se trata de ideologia (BAKHTIN, 2010, p. 31, grifos do autor).

Isto significa dizer que a revista *Veja* enquanto um “produto ideológico” faz parte de uma realidade material, ou seja, é um produto de consumo, um corpo físico. Porém, sozinha a capa original ou o *meme* não constituem um signo ideológico. O que os tornam um signo é o fato de que além de fazerem parte de uma realidade, como todo e qualquer corpo físico faz, além de existirem materialmente, eles (tanto a capa quanto os *memes*) também refletem e refratam outra realidade, a ideológica.

Desta feita, não se trata da capa da *Veja* ou do *meme* de modos isolados, sozinhos, mas a representação cultural deles, que os tornam, então, signos ideológicos. Nesse sentido, concordamos quando Bakhtin (2010, p. 31) afirma que:

[...] todo corpo físico pode ser percebido como símbolo [...] E toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico. Converte-se, assim, em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade.

⁸⁷Disponível em: <http://literatortura.com/2014/10/mais-engracadas-montagens-da-tenebrosa-capa-da-veja/4>
Acesso em: 10 jan. 2017.

O segundo *meme* analisado, exposto acima, possui os mesmos traços estilísticos do primeiro – o que nos permite hipotetizar que tenham a mesma autoria – e também da capa original: cabeçalho, título, subtítulo, código de barras, data de publicação, site da revista, imagens, logomarca da editora, e claro, o nome da revista.

É importante destacar a relação dialógica que esse enunciado verbovisual estabelece com a história de Branca de Neve, o enunciado verbal não provocaria os mesmos sentidos se o leitor não conhecesse o conto de fadas e soubesse que Branca de Neve desfalece ao morder uma maçã envenenada. E, para compor o enunciado visual, temos a ilustração da jovem segurando sua maçã vermelha com o símbolo do PT. É importante refletirmos a respeito dessa cor, pois não apenas remete ao partido, como também desempenha um papel histórico e traz à tona discursos de luta, de revolução, de esquerda, de sangue etc. Com isso, a cor vermelha também desempenha a função de signo ideológico, refletindo e refratando realidades. Dessa maneira, a maçã com o escrito “PT” faz alusão ao conto maravilhoso, como algo envenenado, portanto, corrompido na esfera política, sendo sua permanência no poder tóxico, mortal, ao povo – representado pela Branca de Neve.

A partir desse enunciado verbovisual, em que temos o exagero em afirmar o envolvimento do PT em um financiamento ilógico, compreendemos a ironia por parte dos internautas que procuraram “denunciar” a credibilidade do jornalismo proposto pela Veja através da linguagem, via signo ideológico.

Podemos afirmar também que o segundo *meme*, assim como o primeiro, estabelece uma relação dialógica com a capa original, pois ambos só existem e fazem sentido devido a referência à capa original, sendo que tanto o primeiro *meme* quanto o segundo propagam um discurso ofensivo ao PT – discurso este (re)criado pelos internautas em resposta à capa da revista, constituindo-se, portanto, em uma réplica social.

Diante disso, consideramos os internautas autores dos *memes* como sujeitos responsáveis e responsivos pois, através da linguagem – neste caso, através dos enunciados verbovisuais e dos signos ideológicos – que se constituem, manifestam e dialogam, produzindo determinados sentidos possíveis de serem interpretados a partir de um lugar social.

3 Considerações finais

Compreendemos as relações dialógicas estabelecidas entre a capa original e os *memes* uma maneira encontrada pelos internautas de responder, provocar ironia e protestar contra as agressões que a revista direcionava à campanha do partido do PT, às vésperas das eleições presidenciais de segundo turno, em 2014.

Nos dois *memes* analisados, o que percebemos é que os internautas expõem a revista de modo a criticar a veracidade de suas notícias, bem como seu compromisso jornalístico. Para isso, criaram os *memes* que veiculam de maneira irônica discursos contrários aos propostos pela capa original aliados a ilógicas possibilidades – como, por exemplo, o PT ter financiado a maçã envenenada de Branca de Neve – ocasionando, assim, o humor. Mas, também é preciso destacar que outros discursos ecoam desses enunciados como, por exemplo, o discurso dos internautas que denunciam a falta de neutralidade da revista, colocando na berlinda a sua credibilidade.

Podemos observar que no enunciado verbal presente na capa original “Eles sabiam de tudo” ecoa um discurso que atribui culpa à Lula e Dilma em relação ao esquema corrupto na Petrobrás, e com isso cria-se uma imagem negativa, não somente em relação a eles, mas também em relação ao PT. Essa negatividade tratou-se de uma estratégia explícita para

prejudicar a campanha petista, pois a capa foi publicada antecipadamente, às vésperas das eleições presidenciais de segundo turno.

Dessa forma, compreendemos o *corpus* em estudo, a capa original e os *memes*, como enunciados verbovisuais, que emergem em resposta à esfera de comunicação a qual pertencem, neste caso, a esfera midiática e a esfera virtual. E, assim é possível afirmar que tanto a capa quanto os *memes* são signos ideológicos, pois refletem materialidades, uma vez que existem materialmente e refratam uma realidade perpassada por discursos e ideologias, tornando-as exteriores.

Logo, e à luz da teoria bakhtiniana discutimos os enunciados verbovisuais expostos aqui, a partir das noções de diálogo, enunciado e signo ideológico, a fim de mostrar o funcionamento da linguagem em sua perspectiva dialógica.

Diante deste trabalho, observamos as construções dialógicas entre os *memes* e a capa original, pois os enunciados anteriores a capa a torna possível, bem como a capa torna possível os *memes*. Também identificamos os discursos perpassados pelo *corpus*, como os discursos contrários ao PT e a Veja, já que um enunciado possui no mínimo duas vozes, pois um discurso contrário reafirma um discurso a favor. E, ainda podemos afirmar que esses discursos produzem sentidos, pois são banhados por ideologias, que constroem os signos ideológicos e nos permitem definir, então, como dialógico o real funcionamento da linguagem.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Martins Fontes: São Paulo, 1997.
- FARACO, Carlos Alberto. A ideologia no/do círculo de Bakhtin. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa Bonvino. (Orgs.). **Círculo de Bakhtin: pensamento interacional**. v. 3. Campinas: Mercado de Letras, 2013.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. **Fundamentos bakhtinianos para a análise de enunciados verbo-visuais**. Filologia e Linguística Portuguesa, Brasil, v. 14, n. 2, p. 235-246, dez. 2012 Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59912>>. Acesso em: 27 jul 2016.
- LISBOA, Loraine Vidigal. **Memos jurisprudenciais no facebook do STJ: a constituição dialógica de um gênero verbo-visual**. 2015. 107 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, Catalão, 2015.
- VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 2010.
- _____. (1925-1930). **A construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João, 2013.

Recebido em 10/08/2017

Aceito em 16/12/2017